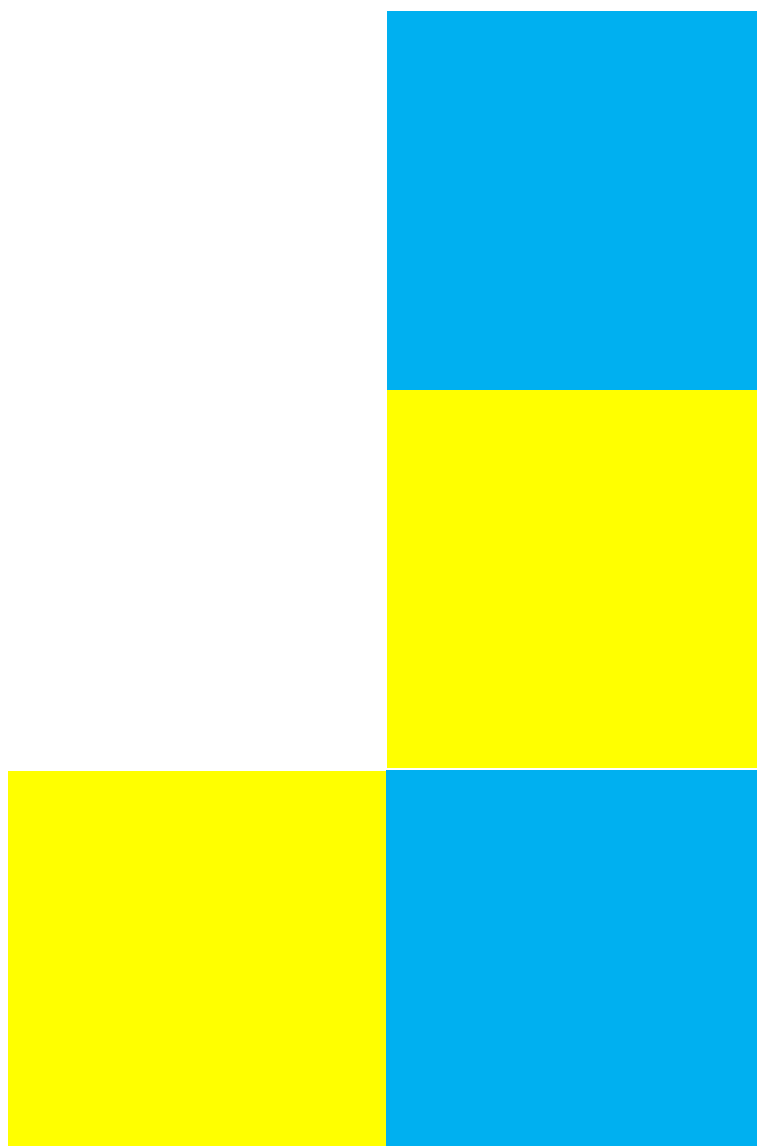


La critica postcoloniale,* dezesseis anos depois

Miguel Mellino

Antropólogo, professor da Universidade L'Orientale de Napoli - Itália

Tradução de Iafet Leonardi Bricalli



1.

La critica postcoloniale foi certamente o primeiro texto desse tipo na cena local. Publicado em 2005, trata-se de um trabalho que procurava esboçar uma genealogia crítica de um campo de estudos que chegou no centro da "global theory" daqueles anos de uma forma verdadeiramente vertiginosa e avassaladora: os estudos pós-coloniais. Embora já houvesse em uma parte importante de nossos contextos - acadêmicos, intelectuais e políticos - um amplo interesse por temas, questões e perspectivas promovidos por essa abordagem teórica emergente, não houve um confronto sistemático, introdutório e crítico com o seu impressionante corpus de autores e textos. Como era natural que isso acontecesse, dada sua origem "literária", os primeiros raios refratados pelos estudos pós-coloniais em nosso contexto particular filtraram-se das disciplinas, e dos autores, vinculados de alguma forma aos departamentos de Línguas e Literatura, especialmente do mundo anglo-saxão (ALBERTAZZI, 2000; ALBERTAZZI e VECCHI, 2004). A arquitetura das ciências sociais e humanas tradicionais, por outro lado, manteve-se não apenas muito sólida e protegida no limiar de sua própria (auto) imunização ideológico-política, meticulosamente fortalecida nos anos da vazante, mas seus principais engenheiros estavam muito interessados em fortalecer ainda mais a sua estrutura, caso desafortunadamente entrassem em contato com o corpo estranho. É preciso dizer que ainda hoje tanto o conjunto das ciências sociais quanto as disciplinas individuais como a história, a sociologia, a antropologia e as ciências políticas, em suas principais versões locais dominantes dentro dos espaços acadêmicos, continuam a se opor frontalmente a tudo que vem dos estudos pós-coloniais. Resistência lógica, por um lado, uma vez que a vigilância e o consequente reforço dos seus limites disciplinares garantem a reprodução do direito de habitar os espaços de poder sancionados pelo sistema universitário nacional. Até aqui tudo compreensível, sobretudo no que se refere a quem gere por conta própria as regras de acesso e exclusão nos canais de recrutamento. Mas se trata de uma resistência que agora é difícil não considerar também como parte de uma reação conservadora mais ampla, branca e eurocêntrica ao questionamento desses diferentes universalismos

coloniais (em boa parte difundidos e apoiados pelo próprio aparato epistêmico das ciências sociais e humanas tradicionais) através dos quais a primazia da "civilização ocidental" como um dispositivo global de dominação foi se formando. O que aconteceu recentemente na França, o ataque em primeira pessoa desferido pelo presidente Macron e seu Ministro da Educação contra a disseminação de abordagens pós-coloniais e decoloniais em escolas e universidades, acusadas de promover um antinacionalíssimo islâmico-esquerdista, é certamente sintomático desse recuo identitário - político, cultural, disciplinar - mesmo em nossos contextos mais imediatos. Ao contrário de outros contextos, os estudos pós-coloniais e decoloniais não conseguiram fazer parte dos currículos no cenário acadêmico local. E, no entanto, não se deve esquecer que os estudos pós-coloniais tiveram na Itália, precisamente em Nápoles e não por acaso, um núcleo fundamental para desembaraçar-se a nível global: em 1995 Iain Chambers e Lídia Curti publicam, em inglês e em italiano, *La questione postcoloniale. Cieli comuni, orizzonti divisi*. Fruto de uma conferência internacional também organizada por eles e realizada na Universidade de Nápoles "L'Orientale", em 1993, o texto colheu algumas intervenções destinadas a se tornarem seminais neste campo emergente de estudos. O ensaio de Stuart Hall *Quando è stato il postcoloniale*, contido no volume e amplamente debatido a nível global, certamente constitui um momento divisor de águas na definição e conotação do "campo" e, sobretudo, do próprio conceito, que então se apresentava tanto com enorme potencial quanto com enorme ambivalência. Na linguagem do próprio Hall, pode-se argumentar que essa contribuição desempenhou um papel fundamental na articulação do conceito de pós-colonialismo, ou na captura - histórica, contingente e subjetiva - de sua semiose constitutiva (HALL, 2005). A partir da especificidade de sua história singular como intelectual da diáspora colonial do Atlântico negro na Grã-Bretanha, Hall introduziu assim uma dobra até então inédita dentro desse campo emergente de estudos: como pode ser deduzido da leitura de meu texto, era uma questão de uma dobra destinada de qualquer modo a se tornar um rastro. Uma segunda intervenção igualmente decisiva foi certamente a de Gayatri Spivak, a quem devemos muito da mesma transcendência intelectual e política do conceito. Spivak conotou o olhar pós-colonial a partir de seu

posicionamento como feminista indiana. Suas críticas ao eurocentrismo colonial da filosofia política ocidental, especialmente da mais radical, bem como ao feminismo branco, reorganizaram a crítica pós-colonial como uma parte central de um programa necessário de decolonização daquilo que mais tarde ela chamou de “global teaching machine” (SPIVAK, 1988; SPIVAK, 1990; SPIVAK; 2008). Dadas essas premissas, *La critica postcoloniale* tinha dois objetivos: por um lado, fornecer um mínimo de orientação dentro de um campo de estudos muito vasto, cujos limites eram inclusive difíceis de se apreender, em razão de sua transversalidade voraz e proliferação incessante de autores, textos e temas após seu sucesso no permanente mundo do marketing acadêmico anglo-saxão; por outro lado, o texto, em sua composição específica, foi a materialização de um esforço que buscou apreender a real novidade, singularidade e produtividade do espaço teórico e político aberto pelos estudos pós-coloniais como um novo posicionamento epistêmico. Em suma, *La critica postcoloniale*, nas minhas intenções, buscava enfocar a história, a teoria, a política, e devo acrescentar a ideologia - dada a perspectiva marxista sobre a qual o meu texto estava baseado - dos estudos pós-coloniais. Uma das conclusões do meu trabalho, para além do seu recorte genealógico, buscava chamar a atenção justamente para este último aspecto: uma certa acomodação complacente às necessidades do poderoso marketing acadêmico anglo-saxão estava encaminhando os estudos pós-coloniais para o mesmo caminho de alguns eminentes predecessores: *gender studies*, *black studies* e *feminist studies* (MOHANTY, 2012). Assim como a institucionalização dessas correntes de estudos no campo acadêmico significou de alguma forma a apropriação ou captura capitalista e neoliberal das lutas feministas e do Black Power, os estudos pós-coloniais corriam o risco de se tornarem uma mera vitrine de museu, artística e universitária, de toda a bagagem teórica, política e cultural, tanto dos vários movimentos de decolonização e libertação nacional quanto da tradição radical negra. Mais uma vez se tornava realidade aquilo que Foucault avançou no passado: as diferentes disciplinas acadêmicas ocidentais conseguem cruzar o limiar de sua positividade epistêmica apenas quando seus objetos de estudo estão completamente dominados, mortos ou extintos (FOUCAULT, 1971). Em outras palavras, parecia-me que uma certa deriva compulsiva

para o desconstrucionismo e o pós-estruturalismo excessivamente ossificado e domesticado aos gostos do *American academic way of life*, um certo *jouissance* sem limites para a crítica textual, particularmente de textos literários, bem como a formação de um espaço de enunciação estruturado mais do que qualquer outra coisa em uma distância (quase) obrigatória não só do marxismo, mas também do nacionalismo anticolonial revolucionário e das diferentes expressões da luta de classes operária dos anos anteriores, corria o risco de minar a partir de dentro todo o potencial teórico e político trazido por este novo campo de estudos. Em resumo, essa versão cada vez mais *mainstream* e global dos estudos pós-coloniais parecia bastante compatível com os discursos mercantilizados de identidade cultural, raça, gênero e diferença surgidos e promovidos por um certo tipo de capitalismo corporativo como a face progressiva da nova restauração neoliberal e perfeitamente condensados dentro de um significante bastante “cool” naqueles anos: o do pós-moderno. Daí o ponto conclusivo do primeiro capítulo: “La critica postcoloniale e lo spirito del tardo-capitalismo”.

2.

Tratava-se de um limite sobre o qual vários autores estavam se concentrando naquele período. *Postcolonialism: An Historical Introduction* (2001) de Robert Young é certamente um texto sintomático dessa necessidade de retirar os estudos pós-coloniais do âmbito da crítica literária para trazê-los de volta não apenas ao seu *worldiness*¹ (para retomar aqui o importante conceito de Edward Said) - isto é, aos verdadeiros movimentos políticos globais dos quais se propunham como uma expressão adicional e atualizada - mas também às diferentes tradições do marxismo, especialmente o chamado primeiro marxismo, ao marxismo da terceira internacional e de uma forma absolutamente singular ao que hoje chamaríamos as diferentes perspectivas globais do “marxismo não-branco” (YOUNG, 2001; MELLINO; POMELLA, 2020). O esforço de Young era de dissolver a constelação pós-colonial emergente no real de todas aquelas lutas sociais históricas que emergiram fora do movimento operário internacional tradicional: nas lutas feministas,

¹ Ver Said (1983).

do feminismo negro, dos movimentos antirracistas afro-americanos e caribenhos e da tradição radical negra, dos movimentos anticoloniais, dos diversos movimentos de libertação nacional, dos movimentos camponeses revolucionários, das lutas dos migrantes, mas também das contraculturas juvenis dos anos 1960. Esta é uma operação que Young repetirá de forma ainda mais concisa e incisiva na nova introdução à reimpressão inglesa do seu *White Mythologies* (lançado em 1990 e reimpresso em 2005)² e de forma certamente mais didática em *Introduzione al Postcolonialismo* (YOUNG, 2005). Young tentou colocar a problemática pós-colonial emergente como um importante horizonte histórico e teórico de reflexão para a construção de um novo sujeito político global: uma operação induzida, difícil de não ver desta forma, especialmente a partir da ascensão em nível planetário do que naquela época era conhecido como "movimento antiglobalização". O levante zapatista de 1994 no México, as lutas antirracistas pelos direitos dos migrantes nos Estados Unidos, na Europa e na Austrália naqueles mesmos anos, bem como as resistências indígenas e as lutas contra o neoliberalismo na América Latina, até a grande insubordinação de Seattle em 1999 tinham gerado um novo questionamento político que trazia em si a exigência, especialmente no interior dos movimentos sociais ocidentais, do que hoje poderíamos chamar, depois do pós-colonial, de uma decolonização do próprio olhar, da própria visão da história e também, por assim dizer, do futuro da luta de classes. *Postcolonialism: An Historical Introduction* respirava na esteira desse grande movimento global. Trata-se, portanto, de um texto que permanece importante na "tradição" dos estudos pós-coloniais de matriz anglo-saxônica. Pode-se argumentar hoje que *La critica postcoloniale* estava tentando traduzir para a Itália aquela intertextualidade política - de movimento, pode-se dizer - sugerida pelo texto de Young, precisamente a partir da crítica ideológica da forma mais acadêmica e literária assumida pelos estudos pós-coloniais *mainstream*. Alguns anos depois, esse esforço de tradução teria tido um complemento adicional, importante e inovador na obra de Sandro Mezzadra, *La condizione postcoloniale: storia e politica nel*

² YOUNG (2007). A introdução à versão italiana do texto é aquela já revista da segunda edição inglesa.

presente (2008), e na de Enrica Rigo, *Europa di confine. Trasformazioni della cittadinanza nell'Unione allargata*.

3.

Nos anos que se seguiram à publicação do meu texto, esse tipo de crítica parecia cada vez menos necessária, dada, por um lado, a crescente politização de algumas das mais importantes expressões da crítica pós-colonial, agora completamente desligada, por assim dizer, das formulações e perspectivas teóricas "originárias" dos seus rostos mais conhecidos (Said, Spivak, Bhabha etc.); de outro, pelo que se pode chamar de difusão rizomática do olhar e da abordagem pós-colonial no campo do pensamento e da luta teórico-política global. Nesse sentido, devemos notar aqui um paradoxo: a politização da abordagem pós-colonial - sua progressiva contaminação com muitas das lutas do presente - levou inevitavelmente à desintegração, à implosão, daquele rótulo cuidadosamente produzido e difundido pelo aparato acadêmico das mais importantes universidades anglo-saxãs. O significante pós-colonial - como olhar histórico-genealógico sobre o presente, como prática teórica, política e epistemológica e como chave de interpretação do conflito contemporâneo - deixou de estar associado a um determinado campo de estudos, a um único conjunto de autores, a algum "cânone" padronizado. Ele se rendeu, ou de qualquer modo permitiu que fosse rendido, mesmo independente das codificações de gênero, raça e diferença promovidas pelo multiculturalismo neoliberal corporativo e acadêmico, pelo feminismo capitalista e também por aquela tradução institucional perversa do Black Power reconvertido em capitalismo empresarial negro. Vítima de seu sucesso, a abordagem pós-colonial rompeu as fronteiras de seu espaço de enunciação como campo de estudos para se tornar um novo "plano de imanência" (no sentido que Deleuze e Guattari (1991) deram a essa expressão). Um corte no real, em vez de um simples discurso teórico. Visto do presente, pode-se dizer que *La critica postcoloniale* oferece uma análise subjetiva desse corte no seu desenrolar, daquele conjunto de análises, enunciados, críticas e debates que lançaram as bases de um campo de estudos antes de sua posterior, e claramente necessária, superação. Acho que a utilidade fundamental de um texto como

La critica postcoloniale reside aqui: enquanto genealogia da formação de um olhar hoje bastante difundido e, portanto, também adquirido, em um amplo espectro de pensamento teórico e político. Um olhar que também se tornou independente desse mesmo nome pelo qual se legitimava.

4.

Em linhas gerais, em que consiste esse olhar? A formação e o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais promoveram uma concepção diferente e mais complexa da relação entre modernidade, colonialismo e anticolonialismo. Hoje somos capazes de pensar de forma diferente sobre essa relação, e essa abordagem diferente dessa relação gerou no curso dos últimos anos uma releitura radical tanto da história moderna global, ou seja, do desenvolvimento da modernidade capitalista ocidental, quanto do nosso presente. Mas não só. A difusão e legitimação do olhar pós-colonial forçaram tanto o pensamento político europeu quanto todo o edifício das ciências humanas e sociais ocidentais a um trabalho radical de introspecção: isto é, de decolonização, poderíamos dizer, mais uma vez, precisamente após o pós-colonial. Trata-se de um movimento que produziu, direta e indiretamente, o surgimento de outros olhares e campos de estudos com propósitos semelhantes, ainda que caracterizados por posicionamentos - históricos, geográficos, políticos e epistêmicos - muito diferentes e até mesmo em polêmica aberta e explícita, embora nem sempre totalmente justificada, com os mesmos estudos pós-coloniais. Pensamos aqui, claramente, na rápida disseminação global da perspectiva decolonial nos últimos anos (LANDER, 2001). Não se pode negar nem a importância da ampla difusão dessa perspectiva nem de algumas de suas principais contribuições e raciocínios no que diz respeito a crítica, a desconstrução e a superação do legado da questão colonial-racial-patriarcal em todas as suas dimensões. Os vínculos muito produtivos de algumas de suas expressões com importantes sujeitos políticos alternativos também parecem bastante significativos: as comunidades e os feminismos indígenas na América Latina, o variado movimento antirracista e uma parte do feminismo, especialmente não-branco, na França e no Norte da Europa. Na Itália, infelizmente, o discurso decolonial, pelo menos por

enquanto, parece estar vinculado, na maioria dos casos, a expressões, digamos, parauniversitárias. De maneira geral, porém, pode-se dizer que, ao contrário dos estudos pós-coloniais, o imaginário teórico-político-filosófico decolonial, talvez devido a um background teórico diferente, frequentemente se apresenta sob um aspecto muito assertivo, maniqueísta e pouco autorreflexivo, como se toda a complexidade do real fosse perfeitamente circunscrita, sem qualquer sobra ou excesso, dentro de uma grade cada vez mais compulsiva, extensa e categórica de fórmulas e conceitos. Trata-se de uma limitação que caracteriza esta abordagem desde suas expressões originárias (Mignolo, Grosfoguel, mas também Quijano, embora em um nível muito diferente) e que apenas mina na base a sua própria produtividade. Se a abordagem pós-colonial, pelo menos nas intenções, se propunha como prática e política de um "saber sem garantias", para retomar aqui a conhecida expressão de Hall (1996), a decolonial, parece se estabelecer, especialmente em suas expressões atuais, de acordo com uma atitude diferente. Pode ser inclusive um dos preços a se pagar, justamente neste caso, de maior envolvimento no campo da luta política. E, no entanto, o efeito final parece ser o de um recuo à abstração de uma esfera puramente discursiva. Adiado um debate mais aprofundado para outro momento e reiterando a importância da abordagem decolonial na luta pela decolonização do saber e da cultura a partir de uma visão verdadeiramente autônoma do Sul do mundo³, por um verdadeiro "pluralismo cognitivo", pela valorização de epistemologias, ontologias, feminismos e formas de vida "Outras", bem como por sua contribuição ao desenvolvimento da ecologia política e à luta feminista e antirracista, tanto na América Latina quanto em uma realidade muito diferente como a da França, me parece importante sublinhar, de maneira simpática e construtiva, um impasse que me parece muito problemático. Uma abordagem teórica que agora parece proceder mais do que qualquer outra coisa quase que exclusivamente através de manifestos, que dificilmente se detém na análise específica, concreta e minuciosa tanto dos processos produtivos quanto das relações conflitantes que os atravessam, para permanecer narcisicamente emaranhada no

³ Ver Segato (2015).

gozo das próprias enunciações de princípio, corre o risco de se tornar, apesar de suas intenções iniciais, outra versão inofensiva do politicamente correto.⁴ Deixe-me ser claro: não das políticas de identidade, mas do politicamente correto entendido principalmente como uma simples limpeza linguística, como uma batalha cultural tão centrada na linguagem quanto longe da lógica das lutas materiais na arena social contra a opressão racial e suas interseções com as hierarquias de gênero e a dominação de classe. Trata-se de um risco mais concreto e visível, especialmente na forma que o discurso ou a narrativa decolonial está assumindo em alguns de nossos espaços e contextos mais imediatos.

5.

Foi graças aos estudos pós-coloniais, à dobra fundamental em que se enredaram como espaço de enunciação, que hoje olhamos para o colonialismo não mais simplesmente como um sistema de dominação social, política, econômica e militar associada apenas a uma certa passagem histórico-cronológica, mas antes como uma formação discursiva global no próprio centro da modernidade. É assim que o colonialismo, ao se entrelaçar com o modo de produção capitalista e com o racismo como dispositivo de governo de territórios e populações, já não nos aparece como um simples "evento histórico", mas como um fenômeno (econômico, político e cultural) constitutivo de nosso presente global, isto é, de suas linhas de fratura, conflito e luta. Desse ponto de vista, pode-se argumentar que os estudos pós-coloniais, desde seu surgimento em meados da década de 1980, completaram o que Marx e o marxismo há muito já tinham apontado. Mas não sem problematizar ainda mais a própria perspectiva marxista. Conforme concebido por Marx, o colonialismo - isto é, uma prática particular de dominação, representação, extração e expropriação racial - foi certamente um fenômeno chave na gênese e ascensão do capitalismo como modo de produção global, mas o discurso, como emerge do olhar pós-colonial, não pode acabar aí. A própria formação das identidades nacionais europeias, bem como seus sistemas de conhecimento e autorrepresentação,

⁴ Para uma crítica mais aprofundada deste assunto, remeto à minha análise da perspectiva de Walter Mignolo (MELLINO, 2019).

parecem ser co-constitutivos da expansão colonial europeia. E aqui também o marxismo, como sistema filosófico europeu, é chamado a fazer as contas com sua própria herança colonial.⁵ A partir dos trabalhos pioneiros de Edward Said (1991, 2003) tornou-se cada vez mais claro para nós que o colonialismo – a raça, o racismo, a escravidão, o imperialismo – está dentro (e não fora) das expressões culturais europeias modernas: violência econômica e violência epistêmica constituem dois lados inevitavelmente entrelaçados de um único dispositivo de poder. Said, assim, completou, a partir de sua perspectiva excêntrica, o que já tinha sido avançado por Marx e melhor focado por Fanon: “A Europa é uma criação do terceiro mundo” (FANON, 1961, p. 56), não só porque “sem colônias e sem escravidão, nada de acumulação originária, indústrias ou revoluções modernas” (MARX, 1987, p. 231), mas acima de tudo porque sem a representação dos outros como “bárbaros-inferiores-coloniais” ela não poderia ter se autodeclarado como uma entidade-sujeito universal, diferente e superior ao resto da humanidade.⁶ Do campo dos estudos pós-coloniais emergia algo que antes não parecia tão evidente: mesmo na cultura dos colonizadores, as diferentes expressões culturais da modernidade europeia não podem ser compreendidas fora da expansão e dominação colonial-racial ocidental. Em *Cultura e Imperialismo*, Said destacava um categórico “silogismo político”: “Não há cultura moderna sem imperialismo, não há imperialismo sem cultura moderna”. Resumindo: não há modernidade sem colonialismo, mas nem mesmo sem anticolonialismo e antirracismo. A resistência dos indígenas, as lutas antiescravistas, as lutas de feminismos outros, os movimentos de decolonização e as lutas antirracistas ajudaram a definir os reais desafios da modernidade.⁷ Sem as colônias, a

⁵ Sobre este ponto ver também Robinson (1983). Robinson coloca a mesma questão em termos ainda mais diretos: “O limite do marxismo foi ter operado dentro do dispositivo mais refinado produzido pela civilização ocidental para o domínio dos outros: o sistema da filosofia ocidental” (ROBINSON, 1983, p. 69). Para uma análise dos limites do marxismo europeu em relação à questão colonial-racial, ver também Traverso (2016) e Mellino e Pomella (2020).

⁶ Uma noção que encontrará na obra de Dipesh Chakrabarty uma de suas expressões mais sofisticadas e completas. Ver Chakrabarty (2004).

⁷ Ver James (2005); Gilroy (2003).

história das metrópoles modernas europeias torna-se inexplicável.⁸ O modo de produção capitalista, portanto, foi colonial e racial desde o início: ao contrário do que Marx esboçou, sua propulsão planetária não mostrava uma lógica de dominação universalista e homogeneizante, mas combinou homogeneidade e heterogeneidade, diferentes formas de opressão e exploração.⁹ Aqui está o novo "plano de imanência" aberto pelo olhar pós-colonial. Não se trata simplesmente de reconhecer o horror do colonialismo, do governo racial-colonial, da escravidão e do imperialismo, mas a maneira como esses mecanismos de governo moldaram a história global moderna e continuam a se manifestar no presente. Um raciocínio eficazmente condensado no conceito de "colonialidade do poder capitalista global" proposto por Aníbal Quijano, um dos mais originais autores decoloniais, alguns anos depois.¹⁰ Esse pressuposto epistêmico e político tem se tornado cada vez mais evidente até mesmo em nossas latitudes: basta olhar para os movimentos do verão de 2019 contra a toponímia colonial urbana, contra estátuas e monumentos, contra o racismo institucional, contra os currículos (ainda brancos e coloniais) das escolas e universidades.

6.

A *tradução* teórica e política local dos estudos pós-coloniais - o caminho local para sua *indigenização* - viveu fases alternadas. Ao contrário de outros contextos, pode-se dizer que na Itália foi imediatamente politizada. E, no entanto, deve ser imediatamente acrescentado que a politização dizia respeito mais a questões políticas globais ou de "grand theory" do que à especificidade ou singularidade, histórica e geográfica, do cenário nacional italiano. A nível universitário, os estudos pós-coloniais certamente tiveram no Centro de Estudos Pós-coloniais e de Gênero da Universidade de Nápoles "L'Orientale", fundado por Iain Chambers e Lidia Curti, em 2005, um dos primeiros e mais originais centros de difusão já naqueles anos. Aqui, a problemática pós-colonial foi se mesclando

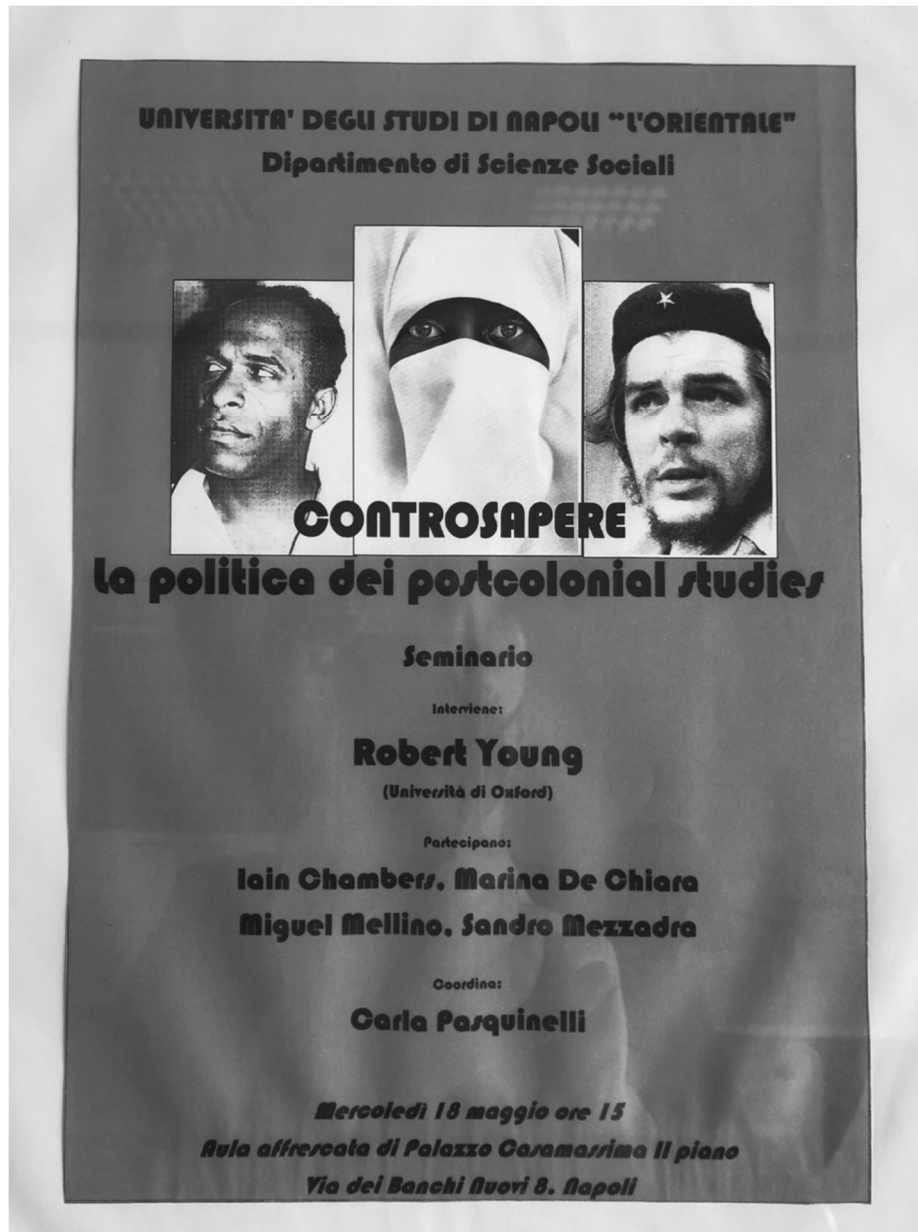
⁸ Trata-se de uma noção que naqueles anos começava a circular também na França. Ver Bancel, Blanchard e Lemair (2001).

⁹ Sobre este assunto ver também Robinson (1983); Mellino e Pomella (2020).

¹⁰ Ver Quijano (2001).

progressivamente com abordagens radicais "locais" mais tradicionais: antes de tudo com o feminismo, inclusive (e talvez sobretudo) em suas expressões não ocidentais, com a crítica literária mais atenta a literaturas coloniais "outras", com estudos culturais sobre o Mediterrâneo, com diversas expressões artístico-culturais meridiana, com Gramsci retraduzido no âmbito dos estudos culturais de Birmingham, com as temáticas surgidas em alguns importantes movimentos sociais e culturais urbanos. Um segundo canal importante para a difusão dos estudos pós-coloniais na Itália foi certamente a editora Meltemi. Além do CSPG, a primeira circulação da crítica pós-colonial ocorreu em vez disso em espaços muito próximos aos movimentos sociais: pode-se dizer, visto a partir do presente, que a luta antirracista, o vasto movimento pelos direitos dos migrantes e algumas das variantes locais do movimento antiglobalização foram os principais catalisadores da primeira tradução local dos estudos pós-coloniais. Essa tradução foi então desencadear em algumas tradições marxistas "heterodoxas" locais, veja-se acima de tudo o chamado "pós-operaísmo" e também algumas das expressões mais radicais do feminismo. O título de uma conferência-seminário internacional organizada no mesmo ano de 2005 em Nápoles por mim e por Carla Pasquinelli pode ser sintomático das dobras que o discurso pós-colonial estava tomando na Itália: "Controsapere. La politica dei postcolonial studies".¹¹

¹¹ Além dos organizadores participaram Robert Young, Iain Chambers, Mara De Chiara e Sandro Mezzadra.



La critica postcoloniale carrega em sua textura uma importante reverberação desse momento político, bem como das lutas, locais e globais, que o atravessaram. O leitor encontrará em suas páginas não apenas referências explícitas às lutas dos migrantes em Gênova em 2001, à crise e à explosão social da Argentina em 2001, ao ciclo das primeiras revoltas populares contra o neoliberalismo na América Latina, ao ataque às Torres Gêmeas de Nova York, às invasões dos EUA à ex-Iugoslávia, ao Afeganistão e ao Iraque, o grande movimento global contra a guerra de 2003, à resistência iraquiana em seu ataque aos soldados italianos em Nassiriya, à reação nacionalista e pró-fascista a este evento, bem

como às lutas dos movimentos indígenas e dos Sem Terra em diferentes áreas do mundo. Mas o texto pretendia ir mais longe: procurava sobretudo ler essas lutas e conflitos a partir do olhar pós-colonial. Sintomáticos dessa tentativa são, sobretudo, os três últimos capítulos do texto. Era uma das formas de recuperar os efeitos do colonialismo, a sua produtividade como formação discursiva moderna, inclusive no presente.¹² É aqui que ele perseguia sua originalidade e atualidade, na tentativa de fazer da abordagem pós-colonial um filtro teórico-político necessário, não só em modo genealógico, mas também no que diz respeito às lutas, à redefinição e à superação das desigualdades do presente. E ainda, nesse sentido, pode-se dizer que *La critica postcoloniale* apenas reflete uma atitude mais geral do contexto em que se formou: a primeira tradução local dos estudos pós-coloniais viajava ao longo desses eixos. Só em um segundo momento começou a ter uma produtividade diferente e talvez mais significativa. Somente há alguns anos, de fato, ficou mais claro que o novo plano de imanência aberto pelos estudos pós-coloniais também questionava direta e diretamente a especificidade da história nacional e a legitimidade de suas auto narrativas dominantes. Somente nesse segundo momento o olhar pós-colonial visou de maneira mais profunda e sistemática a produção histórica da mesma ideia de comunidade-nacional.¹³ *Postcolonial Italy: Challenging National Homogeneity*, uma coleção organizada por Cristina Lombardi-Diop e Caterina Romeo, lançada em 2012 e depois traduzida para o italiano, pode ser tomada como um divisor de águas simbólico desse segundo momento. Foi assim que começaram a se multiplicar estudos e pesquisas que, embora não referindo-se diretamente ao campo dos estudos pós-coloniais, propunham ler a mesma gênese histórica, política e cultural da nação moderna à sombra do colonialismo e do discurso da raça e do racismo. É um movimento de feedback, por assim dizer, iniciado nos departamentos de *Italian studies* das universidades anglo-saxãs,

¹² Não faltavam à época orientações desse tipo, embora as interpretações fossem muito diferentes. Ver, por exemplo, Gregory (2004).

¹³ Entre os numerosos exemplos, podem-se citar Giuliani e Lombardi-Diop (2013); Lombardi-Diop e Romeo (2014); Scego (2014); De Robertis (2010); Frisina (2016); Proglío (2016); Curcio e Mellino (2012); Mellino (2013); Pes e Deplano (2014); Deplano (2015); Bovo Romoeuf e Manai (2015). Ver também os belíssimos *Quaderni di Cirene* sobre o passado e o legado do colonialismo italiano produzidos pelo coletivo *Resistenze in Cirenaica*, 2016-2020, edições Senza Blackjack.

ou por pesquisadores e/ou intelectuais italianos trabalhando no exterior, mas que se tornou cada vez mais produtivo mesmo internamente. Um movimento que não pode deixar de ser lido também como um contra efeito do ressurgimento das agressões e violências racistas ocorridas nos últimos anos nos nossos espaços e contextos e, portanto, de se tornar cada vez mais visível, mesmo nas nossas latitudes, a estrutura racista/racial do capitalismo moderno. Graças à proliferação desse tipo de estudos, análises e pesquisas, ou à assimilação tácita do olhar pós-colonial, temos hoje uma compreensão diferente e mais complexa, mesmo no que diz respeito àquela que nos é transmitida pela historiografia mais crítica do colonialismo, dos efeitos do capitalismo colonial-racial moderno não apenas na história e cultura nacionais, mas também nas mesmas linhas de falha - fraturas, estrias, desigualdades - do nosso presente. O plano de imanência aberto pelos estudos pós-coloniais nos permitiu realocar fenômenos diversos, como a própria unificação nacional, o colonialismo, a questão meridional, o fascismo e o governo das migrações (internas e internacionais), no magma global da modernidade colonial-racial ocidental. Agora podemos pensar na remoção do passado colonial da memória histórica não mais como um simples cancelamento ou expulsão, mas como o produto de um inconsciente colonial cultural nacional. E essa ideia diferente de remoção apenas desloca ainda mais aquele nacionalismo metodológico no qual os arquivos institucionais de conhecimento e conhecimento foram moldados. Mesmo na Itália, portanto, temos agora uma história diferente do presente: o que continua faltando é uma contra narrativa (pós-colonial) da história nacional que seja uma alternativa não apenas àquela dominante, mas também à captura e domesticação ideológica desse olhar por parte de quaisquer variantes locais do politicamente correto global, bem como do multiculturalismo acadêmico e corporativo neoliberal. Uma contra narrativa, portanto, que possa servir de barreira à assimilação do antirracismo, da raça e das diferenças, ao processo de valorização não só capitalista, mas também institucional. Como enunciado no primeiro capítulo do texto, trata-se também de lutar contra a transformação dos discursos pós-coloniais/decoloniais em parte da lógica cultural do capitalismo racial. É também uma tarefa importante à luz das (não apenas) lutas antirracistas do futuro. Gostaria de acreditar que é precisamente

desse ponto de vista que *La critica postcoloniale* ainda não terminou de dizer tudo o que talvez ainda possa dizer.

Referências Bibliográficas

ALBERTAZZI, S. **Lo sguardo dell'altro**. Le letterature postcoloniali. Roma: Carocci, 2000.

ALBERTAZZI, S.; VECCHI, R. (org.). **Abbecedario postcoloniale I-II**, Macerata: Quodlibet, 2004.

BANCEL, N.; BLANCAHRD, P.; LEMAIR, S. **La fracture coloniale**: La société française au prisme de l'héritage colonial. Paris: La Decouverte, 2001.

BOVO ROMOEUF, M.; MANAI, F. (org.). **Memoria storica e postcolonialismo**: Il caso italiano. Bruxelles: Peter Lang, 2015.

CHAKRABARTY, D. **Provincializzare l'Europa**. Roma: Meltemi, 2004.

CURCIO, A.; MELLINO, M. (org.). **La razza al lavoro**. Roma: Manifestolibri, 2012.

DE ROBERTIS, R. **Fuori centro**: Percorsi postcoloniali nella letteratura italiana. Roma: Aracne editore, 2010.

DEPLANO, V. **L'Africa in casa**: Propaganda e cultura coloniale nell'Italia fascista. Firenze: Le Monnier, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Che cos'è la filosofia**. Torino: Einaudi, 1991.

FANON, F. **I dannati della terra**. Milano: Edizioni di Comunità, 1961.

FOUCAULT, M. **L'archeologia del sapere**: Una metodologia per la storia della cultura. Milano: Rizzoli, 1971.

FRISINA, A. **Studi migratori e ricerca visuale**: Per una prospettiva postcoloniale e pubblica. Milano: Franco Angeli, 2016.

GILROY, P. **The Black Atlantic**: L'identità nera tra modernità e doppia coscienza. Roma: Meltemi, 2003.

GIULIANI, G.; LOMBARDI-DIOP, C. **Bianco e nero**: Storia dell'identità razziale degli italiani, Milano: Mondadori, 2013.

GREGORY, D. **The Colonial Present**: Iraq, Afghanistan, Palestine. Oxford: Blackwell, 2004.

HALL, S. The Problem of Ideology: Marxism without Guarantees. In: MORLEY, D.; CHEN, K. H. (org.). **Stuart Hall**: Critical Dialogues in Cultural Studies. London: Routledge, 1996.

HALL, S. Identità culturale e diaspora. In: Mellino, M. (org.). **Il soggetto e la differenza**. Roma: Meltemi, 2005, p. 243-262.

JAMES, C. L. R. **I giacobini neri**. Roma: Deriveapprodi, 2005.

LANDER, E. (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2001.

LOMBARDI-DIOP, C.; ROMEO, C. (org.). **L'Italia postcoloniale**. Milano: Mondadori, 2014.

MARX, K. **Il capitale**: Libro I. Torino: UTET, 1987.

MELLINO, M. **Cittadinanze postcoloniali**: Note su appartenenze, razza e razzismo in Italia e in Europa. Roma: Carocci, 2013.

MELLINO, M. **Governare la crisi dei rifugiati. Sovranismo, neoliberalismo, razzismo e accoglienza in Europa**, DeriveApprodi, Roma 2019, pp. 106-119.

MELLINO, M.; POMELLA, A. (org.). **Marx nei margini**: Dal marxismo nero al femminismo postcoloniale. Roma: Alegre, 2020.

MOHANTY, C. **Femminismo senza frontiere**: Teorie, differenze, conflitti. Verona: Ombre Corte, 2012.

PES, A.; DEPLANO, V. (org.). **Quel che resta dell'impero**: La cultura coloniale degli italiani. Milano: Mimesis, 2014.

PROGLIO, G. **Libia 1911-1912**: Immaginari coloniali e italianità. Milano: Mondadori, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina. In: Lander, E. (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2001, p. 122-151.

ROBINSON, C. **Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1983.

SAID, E. **The World, the Text and the Critic**. Harvard: Harvard University Press, 1983.

SAID, E. **Orientalismo**. Milano: Feltrinelli, 1991.

SAID, E. **Cultura e imperialismo. Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente**. Roma: Gamberetti Editore, 2003.

SCEGO, I. **Roma negata: Percorsi postcoloniali nella città**. Roma: Ediesse, 2014.

SEGATO, R. **La critica de la colonialidad en ocho ensayos**. Buenos Aires: Prometeo, 2015.

SPIVAK, G. Can the Subaltern Spak. In: Nelson, C; Grossberg, L. (org.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. London: Macmillan, 1988.

SPIVAK, G. **The Post-Colonial Critic: Interviews Strategies Dialogues**. London: Routledge, 1990.

SPIVAK, G. **Outside in the Teaching Machine**. London: Routledge, 2008.

TRAVERSO, E. **Malinconia di sinistra: Una tradizione nascosta**. Milano: Feltrinelli, 2016.

YOUNG, R. **Postcolonialism: An Historical Introduction**. Oxford: Blackwell, 2001.

YOUNG, R. **Introduzione al postcolonialismo**. Roma: Meltemi, 2005.

YOUNG, R. **Mitologie bianche: La scrittura della storia e l'Occidente**. Roma: Meltemi, 2007.